



LISTA DE EXERCÍCIOS DE RECUPERAÇÃO – 2º TRIMESTRE

REDAÇÃO

ALUNO(a): _____

Nº: _____ TURMA: _____ 1ª SÉRIE

UNIDADE: VV JC JP PC DATA: ___/___/2019

Valor:
10,0

OBS.: Esta lista deve ser entregue resolvida no dia da prova de Recuperação.

1.

Capitulação

Delivery
Até pra telepizza
É um exagero.
Há quem negue?
Um povo com vergonha
Da própria língua
Já está entregue.
(Luís Fernando Veríssimo)

a) O título dado pelo autor está adequado, tendo em vista o conteúdo do poema? Justifique sua resposta.

b) O exagero que o autor vê no emprego da palavra “delivery” se aplicaria também a “telepizza”? Justifique sua resposta.

Texto para as seguintes três questões.

O capitão Horácio

Luís Fernando Veríssimo

Tive um caso com o capitão Horácio por anos. Até resolver me curar.

— Esta é a minha esposa, Rute...

— Humm. Simpática. — Ela é uma mulher fantástica. Estamos casados há 25 anos.

— E estes são...— Os filhos. Gustavo e Leinha. Foi a Leinha que nos deu a única neta. Olha só, que amor...

— Que beleza!

— Maria Rita. Três anos. A queridinha do vovô.

— E este?

— Ah, este é o capitão Horácio.— Capitão Horácio?— O amor da minha vida.

— O quê? — Do tempo em que eu era homossexual. Tivemos um caso durante sete anos, até eu resolver me curar.

— Você era homossexual e se curou?— Sim. Foram sete anos intensos com o capitão Horácio, mas senti que aquilo não era pra mim.

— E como você se curou?— Não foi fácil. Procurei psicólogos, psicanalistas, grupos de apoio, orientação religiosa... Finalmente me sugeriram que experimentasse a homeopatia.

— Homeopatia?!— Chá de cipó amarelo. — E deu certo?— Tiro e queda.— Esse chá...

— Tomo todos os dias, depois do almoço. O cipó amarelo vem da Amazônia. Os índios tomam desde pequenos, para prevenir.

— Mas...você carrega uma foto do capitão Horácio na carteira...

— Foi um período importante na minha vida, que eu não quero esquecer.— E como foi a separação?

— Amigável. Ele era uma pessoa muito distinta. Espiritual. E atlético, maratonista. Ou era, quando nos conhecemos.

- Não foi um rompimento traumático, então?
- Não. Ele entendeu minha posição, nos despedimos... E nunca mais se viram?
- Nunca. Não sei que fim ele levou. Ou que cara tem hoje. Certamente não é mais a da foto.
- Quer dizer que existe cura para o homossexualismo? — Existe. As pessoas ficam fazendo pouco desse deputado Feliciano, mas existe. Chá de cipó amarelo da Amazônia. Dou a receita para quem quiser.
- E é tiro e queda?
- Tiro e queda.

Publicado no jornal O Estado de São Paulo, em 14 de julho de 2013.

2. A qual gênero pertence o texto? Justifique sua resposta.

3. Identifique a sequência textual predominante no texto. Justifique sua resposta.

4. O autor apresenta um debate muito polêmico na atualidade de modo leve e tranquilo. Para isso, recorre ao humor e à ironia. Transcreva trechos do texto nos quais podemos identificar traços de humor e ironia. Explique os trechos escolhidos.

5. Sobre os elementos de uma narrativa, marque a alternativa correta.

- a) O espaço de uma narrativa pode ser cronológico ou real.
- b) Os personagens de uma narrativa se resumem em dois: antagonista e protagonista.
- c) O tempo caracterizado como cronológico é o tempo real, o tempo marcado pelo relógio.
- d) O foco narrativo se resume apenas no enredo de uma narrativa.
- e) O foco narrativo dos textos acontece quando o texto é narrado em terceira pessoa.

6. Observe a peça publicitária a seguir.



Fonte: <http://blogdadonaneusa.wordpress.com>

A sequência discursiva predominante na peça em questão é

- a) Narrativa
- b) Descritiva
- c) Injuntiva
- d) Argumentativa
- e) Expositiva

7. Entende-se que um dos elementos da narrativa é o narrador. Sobre esse importante elemento, é correto afirmar que
- narrador protagonista é o que conhece todos os acontecimentos da narrativa.
 - narrador observador possui as mesmas características que o onisciente.
 - narrador testemunha não pode ser considerado personagem.
 - narrador que conhece os fatos, narra com imparcialidade e não tem conhecimento íntimo das personagens nem das ações vivenciadas é o narrador observador.
 - narrador que narra em primeira pessoa e não permite intromissões em algumas partes do texto é o narrador onisciente.
8. Leia o texto a seguir, extraído do conto “A chinela turca”, e responda à questão.

Olhou para trás; não viu ninguém; o perseguidor não o acompanhara até ali. Podia vir, entretanto; Duarte ergueu-se a custo, subiu os quatro degraus que lhe faltavam, e entrou na casa, cuja porta, aberta, dava para uma sala pequena e baixa.

Um homem que ali estava, lendo um número do Jornal do Comércio, pareceu não o ter visto entrar. Duarte caiu numa cadeira. Fitou os olhos no homem. Era o major Lopo Alves. O major, empunhando a folha, cujas dimensões iam-se tornando extremamente exíguas, exclamou repentinamente:

– Anjo do céu, estás vingado! Fim do último quadro.

Duarte olhou para ele, para a mesa, para as paredes, esfregou os olhos, respirou à larga.

– Então! Que tal lhe pareceu?

– Ah! excelente! respondeu o bacharel, levantando-se.

– Paixões fortes, não?

– Fortíssimas. Que horas são?

– Deram duas agora mesmo.

Duarte acompanhou o major até a porta, respirou ainda uma vez, apalpou-se, foi até à janela. Ignora-se o que pensou durante os primeiros minutos; mas, ao cabo de um quarto de hora, eis o que ele dizia consigo: – Ninfa, doce amiga, fantasia inquieta e fértil, tu me salvaste de uma ruim peça com um sonho original, substituíste-me o tédio por um pesadelo: foi um bom negócio. Um bom negócio e uma grave lição: provaste-me ainda uma vez que o melhor drama está no espectador e não no palco.

(ASSIS, M. *Papéis avulsos*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p.124-125.)

Com base no trecho e na prévia leitura do conto, é correto afirmar que a história é narrada em

- primeira pessoa, pelo dramaturgo Lopo Alves, velho amigo da família de Duarte, que compõe a peça que dá título ao conto.
- primeira pessoa, pelo bacharel Duarte, personagem principal da história. Dão prova disso as três aparições do pronome “me” no último parágrafo do texto: “tu me salvaste”, “substituíste-me” e “provaste-me”.
- terceira pessoa, pelo perseguidor da personagem Duarte, a quem acusa de ter roubado uma preciosa chinela turca.
- terceira pessoa, por Machado de Assis, que ironiza os conteúdos veiculados nos jornais da época. No conto em questão, o Jornal do Comércio seria uma espécie de palco de peças ruins.
- terceira pessoa, por um narrador onisciente, que relata a extraordinária experiência vivida pelo bacharel Duarte, na noite em que pretendia ir a um baile encontrar a amada Cecília.

9. O trecho que segue foi extraído do conto “Lâmpadas e Ventiladores”, de Humberto de Campos:

“A tarde estava quente, abafada, ameaçando tempestade. Na sala da sorveteria onde tomávamos chá, os ventiladores ronronavam, como gatos, refrescando o ambiente. Lufadas ardentes, fortes, brutais, varreram, lá fora, o asfalto da Avenida. O céu escureceu, de repente, e um trovão estalou, rolando pelo céu. Nesse momento, as lâmpadas do salão, abertas àquela hora, apagaram-se todas, ao mesmo tempo em que, dependendo da mesma corrente elétrica, os ventiladores foram, pouco a pouco, diminuindo a marcha, até que pararam, de todo, como aves que acabam de chegar de um grande voo.”

Sobre a tipologia textual dessa passagem do conto, pode-se dizer a organização predominante é

- argumentativa.
- descritiva.
- expositiva.
- narrativa.
- poética.

10. Leia o texto a seguir.

O sumiço do pendrive

Houve época em que a força bruta era poder. Houve uma época em que a riqueza era poder. Hoje, informação é poder. Quanto mais informados (mas notem, isto não tem a ver necessariamente com conhecimento ou com sabedoria), mais poderosos somos, ao menos teoricamente. Daí esta avalanche, este tsunami de informações. A cotação do dólar, a taxa de inflação, o número de casos de determinada doença, candidatos dos vários partidos, a escalação de times de futebol – nomes e números em profusão, que nos chegam por jornais, revistas, livros, filmes, noticiários de rádio, internet, e que tratamos de armazenar em nossa mente.

Aí surge o problema: para armazenar a informação, a natureza nos deu um cérebro, que é a sede da memória. E nesta memória queremos enfiar o máximo possível de informações. Diferente da memória do computador, porém, a nossa é governada por fatores que nada têm a ver com a informática. O estado de nossas células cerebrais, as nossas emoções; tudo isso pode representar uma limitação para nossa capacidade de lembrar. Coisa que sistematicamente negamos. Como alguém que está se preparando para uma longa viagem (e o que é a vida, senão uma viagem que esperamos longa?), tratamos de socar na mala da memória a maior quantidade possível de coisas. As malas até podem se submeter, mas a memória simplesmente não aceita a nossa irracionalidade.

Felizmente a tecnologia tem vindo em nosso auxílio. Primeiro foi o computador propriamente dito, com sua memória cada vez maior; depois, vieram os dispositivos de armazenamento, os CDs, os pen drives. Coisa incrível, o pen drive: um pequeno objeto no qual cabe uma existência, ou pelo menos uma importante parte dela. Para quem, como eu, viaja bastante e tem de trabalhar em aviões ou em hotéis, é um recurso precioso. No meu pen drive eu tinha artigos, material de consulta, endereços, telefones. A primeira coisa que eu fazia, ao sair de casa para ir ao aeroporto era colocar o pen drive num lugar que eu imaginava seguro: o bolso da camisa. Seguro – e simbólico, já que o pen drive ficava próximo ao coração.

Vocês já notaram que estou usando os verbos no passado – passado imperfeito, aliás. E isso por boas razões. Esses tempos, ao chegar ao aeroporto, meti a mão no bolso para dali retirar o pen drive. Mas não encontrei pen drive algum. Encontrei um buraco, verdade que pequeno, mas de tamanho suficiente para dar passagem (ou para dar a liberdade?) ao pen drive. Que tinha caído por ali.

Um transtorno, portanto. Perguntei no aeroporto, entrei em contato com o táxi que me trouxera, liguei para casa: nada. O pen drive tinha mesmo sumido. O buraco da camisa era, portanto, um buraco negro, aqueles orifícios do universo em que toda a energia é sugada e some. Antes que vocês me repreendam, devo dizer que tinha tomado minhas precauções: havia cópia de todo o material, nada se perdeu. Mas o episódio me inspirou várias reflexões. De repente eu me dava conta de como nossa existência é frágil, de como somos governados pelo acaso e pelo imprevisto. Nenhuma queixa contra o pen drive, que veio para ficar; aliás, meu palpite é que, no dia do Juízo Final, cada um de nós vai inserir o pen drive de sua vida no Grande Computador Celestial. Virtudes e pecados serão instantaneamente cotejados e o destino final, Céu ou Inferno, decidido de imediato. Pergunta: o que acontecerá com aqueles que, por causa de um buraco na camisa, perderam o pen drive?

SCLIAR, Moacyr. O sumiço do pen drive. Zero Hora, Rio Grande do Sul, 11 maio 2010. Adaptado.

O autor da crônica apresenta seu ponto de vista a partir de situações partilhadas com os leitores. A marca linguística que revela essas situações comuns ao narrador e aos leitores é o emprego de

- a) primeira pessoa do plural.
- b) tempo passado dos verbos.
- c) informalidade no uso do vocabulário.
- d) adjetivação de natureza descritiva.
- e) pontuação livre nos parágrafos.